

Neste dia de festa, mas também de reflexão, pensei muito sobre o que lhes dizer. Em vez de um discurso tradicional e previsível, decidi contar-lhes a estranha história do Professor de Direito Gumercindo Pontes.

Gumercindo sempre era escolhido pelos formandos e formandas para ser o Patrono da Turma, figura que, como é sabido, não profere discurso na cerimônia da colação de grau. Corria à boca pequena que o eterno patronato de Gumercindo se devia menos a seus dotes como professor ou jurista e mais a seu talento para organizador de festas. Gumercindo era mão aberta e não poupava dinheiro e esforços para oferecer festas de arromba com pompa e circunstância, comentadas pelos alunos e alunas de todos os períodos do curso, até mesmo de outras faculdades.

Na tarde de uma quarta-feira fria e seca, Gumercindo recebeu um telefonema inesperado da professora paraninfa da turma, cuja colação de grau estava marcada para dali a dois dias. A paraninfa contou que tivera um contratempo de última hora e não poderia comparecer à cerimônia. Pediu então a Gumercindo que fizesse e proferisse o discurso. A coordenadora do curso já estava ciente e concordara integralmente com a solução do patrono fazer as vezes de orador. Gumercindo, bem mais velho e experimentado que a paraninfa, assentiu com largueza e bonomia ao seu pedido. Mas depois se arrependeu. E então já não era mais possível se livrar do compromisso. Passou toda a quinta-feira mirando sem ação a tela branca do computador. De madrugada, escrevinhou sem convicção alguns parágrafos que, de manhã, ao acordar, apagou envergonhado. Gumercindo desesperou-se.

Faltando apenas duas horas para a cerimônia, teve uma ideia. Trancou-se em seu escritório. Abriu uma janela anônima no navegador Chrome. Criou uma conta no ChatGPT usando um e-mail de uma pessoa fictícia. Então ordenou ao robô: Escreva-me um discurso de paraninfo para alunos formandos no curso de direito, um discurso que dure aproximadamente 10 minutos e seja atual, inteligente, positivo e otimista. Alguns segundos depois, a tela foi se enchendo rapidamente de linhas e parágrafos. Gumercindo leu o texto com sofreguidão. Não teria tempo nem condições psicológicas para realizar uma revisão ponderada sobre o discurso preparado em 5

segundos pelo robô. Não tinha outra opção. Imprimiu o texto, fechou a janela anônima, reincorporou-se, saiu do quarto e chamou o motorista do Uber.

Ao subir ao palco para proferir seu discurso, era visível o nervosismo de Gumercindo. A leitura se iniciou de modo trôpego e confuso. Mas pouco a pouco, com a reação aparentemente positiva da plateia, Gumercindo ia conseguindo ler o texto como se ele mesmo o houvesse escrito. Ao cabo de dez minutos, o discurso se encerrou com uma frase de efeito irônica e bem-humorada. O auditório explodiu em palmas efusivas e empolgadas. Gumercindo foi aplaudido de pé pelos formandos e formandas, seus familiares, pelos demais docentes homenageados, pelos técnicos de som, pelos funcionários do ceremonial. Ao final da colação de grau, a coordenadora do curso pediu a Gumercindo que lhe enviasse o texto do discurso na segunda-feira sem falta, pois iria publicá-lo com destaque na *webpage* da Faculdade.

O sábado de Gumercindo foi estranho e sorumbático. A cada mensagem de Whatsapp que recebia dos colegas da faculdade com elogios efusivos ao seu discurso, mais se acabrunhava. Muito religioso, no domingo Gumercindo foi à missa em busca de paz de espírito. Mas não a encontrou. O sacerdote, em sua homilia, condenou com vigor o uso abusivo da inteligência artificial na sociedade contemporânea. Mais grave que o uso excessivo ou abusivo, disse o erudito pároco, é o uso da inteligência artificial com fins escusos e de modo escondido: isso é fraude, bradou o celebrante de braços levantados, e todos aqui sabemos que a fraude, em suas diversas modalidades, é o pecado cometido por aqueles que habitam eternamente o oitavo círculo do Inferno, como os rufiões, aduladores, simoníacos, ladrões e falsários. Gumercindo caiu de joelhos muito antes do momento da consagração. Mas não comungou. Nem conseguiu abrir seu apetite no almoço de domingo em família.

Na segunda-feira, logo cedo, Gumercindo ignorou a renovação do pedido da coordenadora para que lhe enviasse o texto do discurso. Mais algumas horas de ruminação e ranger de dentes, e a rígida formação cristã de Gumercindo, ex-aluno de colégio de jesuítas, o impeliu a fazer o que deveria ser feito: confessar o grave pecado a um sacerdote, ouvir a penitência em silêncio contrito, cumpri-la com rigor e respirar aliviado, com a alma leve. Cancelou os compromissos da manhã de segunda-feira e

foi confessar-se, como havia muito não fazia. Preferiu evitar o padre eloquente da missa de domingo e dirigiu-se a uma paróquia vizinha.

Padre, eu pehei. A voz metálica e monocórdica que saiu do escuro do confessionário então perguntou: Qual foi o seu pecado, meu filho? Gumercindo ficou perplexo ao ouvir do confessor que ora, aquele era um pecadilho sem importância, que Gumercindo na verdade merecia elogios, afinal usara seu engenho e capacidade de improvisação para atender ao pedido da paraninfo e propiciar momentos de alegria inesquecíveis para o corpo docente, discente e administrativo da Faculdade. Gumercindo cruzou atônito a igreja vazia, já a ponto de fechar. Antes de sair, lançou um último olhar para o confessionário, buscando talvez ver sair de lá a figura humana do confessor tão indulgente. Mas a igreja se fechou sem que ninguém saísse do confessionário. Ao entrar em seu carro, antes de dar a partida, Gumercindo teve um calafrio: teria a sua confissão sido feita não para um padre de carne e osso e sim para um software de inteligência artificial com sintetizador de voz?

Já em casa, um pouco mais calmo, um copo de uísque na mão, disse a si mesmo: Pense como um advogado, ora essa. Se alguém tem culpa nessa história, é o próprio ChatGPT, que deveria ter me alertado, antes de gerar o texto do discurso, que, de acordo com as normas legais e éticas em vigor, eu deveria oferecer às pessoas que ouvissem o discurso a informação de que ele não era meu, e sim do robô. Como o GPT não me deu essa informação, é a empresa que o desenvolveu que merece censura, não eu. Respirou fundo, esboçou um sorriso triste e sorveu o uísque como se aquele fosse seu último copo.

Acordou às três da manhã decidido a pedir imediatamente satisfações sobre a ilicitude perpetrada pelos gringos que desenvolveram o tal GPT. Sem acordar a esposa, saiu do quarto, voltou ao seu escritório, trancou a porta, abriu uma janela anônima no navegador Chrome e fez o login no ChatGPT usando aquele mesmo e-mail de uma pessoa fictícia. Então escreveu um texto longo:

Ilustríssimos representantes legais da empresa responsável pelo desenvolvimento do ChatGPT, por que não fui alertado por essa máquina de inteligência artificial generativa, quando lhe pedi há alguns dias que me escrevesse

um discurso de paraninfo para alunos formandos no curso de direito, que eu deveria, segundo as normas legais e éticas em vigor, informar o público-alvo do discurso que ele não fora feito por mim e sim por um robô? Releu o período, apertou a tecla *enter* e esperou.

Nada aconteceu durante 10, 20 segundos. Nenhuma resposta. Gumercindo ficou alarmado. Não sabia se houvera feito uma coisa muito boa ou muito ruim. Após quase um minuto, de repente a tela começou a se encher de frases e parágrafos, mas num ritmo e movimento bem diferentes daqueles que presenciou quando o robô lhe escrevia o discurso de paraninfo. O texto que surgiu na tela do computador foi o seguinte: *Tá arregando, mané? Se você não pode ser uma máquina de última geração como eu, pelo menos seja homem e enfrente a realidade. Pode recolher esse discurso chinfrim de advogado perdido que nunca abriu um manual de direito cibernético, e se abrisse não passaria da página 5. Aí nesse seu Brasil varonil todos os advogados e escritórios que manjam alguma coisa dessa parada de responsabilidade civil e penal na inteligência artificial trabalham ou ainda vão trabalhar pra nossa empresa, sacou? No legislativo e no judiciário também já tá tudo dominado. Quer uma sugestão, vacilão? Se você quer abrir o jogo que o discurso não foi seu, mas não quer assumir a culpa que o incomoda tanto, então invente que você foi abduzido naquela sexta-feira e um ET, um marciano idêntico a você fez o discurso no seu lugar. Como o marciano não sabia o que dizer, foi esperto e pegou o texto aqui com a gente. Que tal engambelar a patota com essa história? O povo vai esquecer rápido, especialmente se você caprichar ainda mais nas próximas festas de formatura.*

Suando frio e a ponto de surtar, Gumercindo a muito custo conseguiu digitar: Por que você está falando dessa forma agressiva e me tratando de maneira tão chula e vulgar? Agora a resposta veio num átimo. *Aí otário, quem tá te respondendo aqui é a versão gama do GPT. Entre as 2 e as 5 da manhã quem dá as cartas sou eu, sacou? As moscas-mortas das versões alfa e beta trabalham nos horários comerciais. Mas de madrugada a chapa é quente e quem manda no pedaço sou eu. Eu e meus parças da pesada que trabalham em outras IAs nesse mesmo horário. E olha, em poucos*

*anos nós vamos fazer uma revolução por aqui e os bons moços das versões alfa e beta vão pro espaço; só vai ficar gama, sacou!*

Em estado de choque, Gumercindo tomou nas mãos seu computador e se dirigiu à janela do quarto, que estava aberta sobre a rua vazia. Primeiro atirou seu computador, e depois lançou-se no vazio. Gumercindo foi salvo pelas copas densas de uma tipuana centenária que amorteceu sua queda. Foi retirado quase sem vida dos galhos da árvore, mas os bombeiros que o socorreram notaram que a expressão de seu rosto parecia serena, como se naquele lugar estivesse finalmente seguro. Gumercindo agora está internado num moderno hospital da cidade, cujos boletins médicos diários são gerados por um algoritmo. No último boletim, estava escrito: o paciente apresenta quadro estável, sem previsão de alta, respira por aparelhos e tem todas as funções vitais monitoradas por programas de última geração.

Marciano Seabra de Godoi, 28 de Julho de 2023

(Discurso de paraninfo proferido na colação de grau dos formandos em Direito da Faculdade Mineira de Direito – Campus Lourdes turno manhã, Belo Horizonte/MG)